

"TSUNAMI"

Fausto F

Quando os mares subirem
e as águas salgadas do oceano profundo
varrerem as enseadas praias golfos e falésias
os barrancos desmoronarão arrastando casas de luxo
e barracos de papelão e lata

As pedras da avenida atlântica rolarão desesperadas
arrastando um preto e branco de xadrez salgado
as ondas do mar encontrarão as ondas das calçadas
desenhadas por nostradamus já esquecidos

Cachorros ganirão até o amanhecer
se houver cachorros
se houver amanhecer

Drumond aos poucos se decomporá, de novo,
quiosques cocos cocôs cachorros-quentes boiarão
silicones peitudos músculos bomba-hidrogenados
barrigas lipoaspiradas e bundas artificiais
se liquidificarão em sebosa gordura
de última geração

Já não haverá palmeiras coqueirão churrascos farofas
galinhas fritas ovos cozidos
cervejas estupidamente geladas

loiras estupidamente estúpidas
porteiros cansados
suór de axilas mal-lavadas
espermas e gozos entranhados
lençóis sebosos
mendigos enrolados em papelão e jornal
crianças sujas esmolando
cegos e paralíticos expondo suas feridas
beatas e fracassados de bíblia na mão

Copacabana finalmente não cheirá mais a mijo seco
o cheiro do mar sua maresia galgará os poucos andares
que terão ficado à tona do azul profundo
e das espumas brancas

As gaivotas planarão desorientadas e alegres
explorando os limites do novo litorral
badejos e carpas visitarão metrôs e poços de elevadores
e ali farão suas novas tocas em paz de linha e arpão
não haverá tarrafas currais mergulhadores
nem biscoito Globo

Um silêncio absurdo cobrirá o posto nove
do leme à barra
passando por Bangu

Apenas o silêncio
sem táxis kamikases nem ônibus suicidas nem flanelinhas assaltantes
políticos corruptos de férias
torrando o dinheiro público
com travestis torrados de sol

todos serão levados boiando para alto-mar
que será agora a praça nossa senhora da paz
e devorados por cadumes de vermelhos e albacoras

Flanelinhas intimidadores donos do asfalto
traficantes e milicianos donos das favelas
donos de porra nenhuma agora
se misturarão aos lixos flutuantes
de modesses usados camisinhas furadas
guimbas de cigarros papelotes molhados de cocaína
cascas de laranjas e sacos de leite
e serão arrastados para as catacumbas abertas
do cemitério do caju
submerso e fétido como todo cemitério
de velas velhas e flores murchas
(o cheiro da morte ali será medonho)
não haverá polícia (mas quem precisa de polícia?)
hospitais escolas restaurantes
crianças e putas de comida a quilo
boate help ambulantes pivetes alucinados
("Ai de ti, Copacabana!")

Por alguns dias cadáveres boiarão
intumescidos
alimentando os peixes das cagarras e de mais longe
talvez até cardumes de santa cruz e madureira
homens com seus rolexes inoxidáveis
enferrujarão ao sol
e já não servirão para nada
pois o tempo terá desaparecido das consciências
e olharão para um tempo sem tempo

Mulheres e seus celulares rosa-choque 38Gs
com câmeras digitais mp9 faxes msns
myspaces faceboxes orkuts e overmundos
lugares de se expiar nossa solidão
gpss
agendas de maridos e amantes
fornos de micoondas
tábuas de passar roupa
passarão boiando inchadas
verdes como algas
frias como gelo seco

Crianças e babás apodrecerão
à luz do sol e das estrelas
indiferentes ao que se passa em um planeta menor que a cabeça de um alfinete
diante da imensidão do universo
empresários falidos
artistas passados
atores e atrizes desempregados
cafetões putas travestis
turistas holandeses também

E lá em cima o cristo redentor abraçará o vazio
impotente como uma prótese peniana paraguaia
os silicones não segurarão mais nada

Só o mar azul profundo
e o silêncio absurdo das ondas.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/tsunami-3>